



# 346

## mil estudantes

No ano letivo 2015/2016, estavam mais de 206 mil alunos inscritos no 1.º ciclo do ensino universitário e politécnico (público e privado). No 2.º ciclo, 111 mil, no 3.º ciclo (incluiu doutoramentos) 17 mil e noutros níveis mais de 3000.

# 55

## mil alunos no privado

Segundo dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) fornecidos pela A3ES, eram 55 mil os alunos das instituições privadas, pertencendo mais de 40 mil destes a polos universitários privados.

# 130

## mil em Lisboa

A presença dos alunos do Superior está concentrada sobretudo na Área Metropolitana de Lisboa, onde estão mais de 130 mil alunos, seguindo-se o Norte, com 112 mil. Em terceiro, está o Centro, com 74 mil alunos.

**Superior** Agência avaliou este ano 79 propostas de licenciaturas: cursos ligados ao mar, gestão especializada e terapêuticas não convencionais são novas tendências

# 43 novas licenciaturas aprovadas e 36 chumbos

Dina Margato  
dina.margato@ejn.pt

► As licenciaturas na área do mar, das terapêuticas não convencionais e da gestão sobressaem da lista dos 43 novos cursos aprovados pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) para o próximo ano letivo. Sobressaem porque estão em maior número e, no caso da gestão, apresenta-se em versões especializadas: da restauração ao turismo, à linguística para negócios internacionais. Chumbaram 36% das candidaturas.

As 36 candidaturas reprovadas revelaram, por seu lado, insuficiente classificação do corpo docente ou ausência dos laboratórios indispensáveis, segundo explica ao IN Alberto Amaral, presidente da A3ES.

Este ano, o maior número de propostas e as mais criativas partiram dos institutos politécnicos. É ali que os cursos se reinventam e onde são exploradas novas ofertas.

Tecnologias do Ambiente e do Mar será lecionado no Politécnico de Setúbal. Gestão da Restauração e Catering abre no Instituto Politécnico do Porto e Gestão da Bioindústria, no Politécnico de Coimbra.

A maioria (75%) das candidaturas aprovadas pertence a institutos

### à lupa

#### Mar e ambiente

► Dito dos 43 cursos aprovados pertencem à área de gestão numa vertente especializada: da Gestão do Desporto, à Gestão Turística. Cinco cursos são de Dietética e quatro relacionados com atividades marítimas e ou ambiente, de que são exemplo Tecnologias do Ambiente e do Mar e Engenharia Eletrotécnica Marítima. Sobressai ainda Engenharia da Sustentabilidade.

#### Informática com emprego

► Uma área de estudos com futuro, em termos de empregabilidade, é Informática, revela Alberto Amaral. Faltarão ao mercado cerca de 20 mil profissionais nesta área, diz. Por isso, o presidente da A3ES não tem dúvida de que se hoje a sua escolha iria recair na informática. "Compra-se quase tudo desde casa, precisamos do computador para quase tudo na vida", Alberto Amaral, 73 anos, tem um currículo invejável. Natural de Fafe, licenciou-se em engenharia Química e Industrial na Faculdade de Engenharia do Porto e doutorou-se em Química Quântica na Universidade Cambridge.

politécnicos, cooperativas e escolas superiores. As restantes partiram de universidades e, destas, um quarto de instituições de ensino privadas. Isto acontece, explica Alberto Amaral, "porque [os politécnicos] precisam de atrair alunos. Gestão já não tem muita saída; alunos dos cursos gerais estão a desaparecer, portanto, a alternativa é tentar atrai-los para algo novo". As universidades, por seu lado, têm apostado em pós-graduações e mestrados.

**Oferta não responde a necessidades** Esta oferta corresponde à necessidade do mercado? Alberto Amaral está convencido que não. "As instituições têm um problema: têm lá dentro os docentes e portanto são obrigadas a arranjar alternativas a pensar nesses professores". Para os alunos, diz, "seria preferível fazer uma licenciatura em Gestão e depois apostar num mestrado".

As novas tendências de licenciatura incluem cursos virados para o mar e terapêuticas não convencionais (foram aprovados cinco de Osteopatia). "É, muito em breve, estas ofertas poderão multiplicar-se", antecipa. Entre as propostas que chumbaram, lembra os 12 cursos na área das Medicinas Não Convencionais, três ou-



**Politécnicos apostam em cursos inovadores e universidades investem em mestrados**

tros de Fisioterapia, um de Terapia Ocupacional.

**"Temos boas universidades"** De qualquer modo, convém não perder de vista que o ensino superior português continua a merecer uma nota acentuadamente positiva. "Há bons cursos e bons resultados em Portugal", declara o pre-

# 109

## mil em Sociais e Direito

Por área de educação, o maior número de alunos está no grupo das Ciências Sociais e Direito, que reúne 109 mil estudantes. Em segundo lugar, surgem as engenharias, com 73 mil. Em terceiro: Saúde e Proteção Social.

# 27

## mil em Informática

O grupo das Ciências, Matemáticas e Informática reúne 27 mil estudantes. Em menor número são os alunos de Agricultura (7685 mil). Educação, por exemplo, tem 13 mil. Artes e Humanidades 34 mil.



sidente da A3ES, "e a prova disso é que os nossos licenciados não têm problema em emigrar e em arranjar emprego lá fora. As ciências, medicina, as engenharias são muito boas. Possuímos boas universidades". Ainda assim, nenhuma se pode comparar a Oxford ou Cambridge, Inglaterra, sobretudo por causa da investigação, fruto dos elevados investimentos realizados.

O processo de avaliação de todas as formações superiores deverá terminar no final de 2016. Em 2017, a A3ES começará a avaliar as instituições e, no ano seguinte, volta a debruçar-se de novo sobre os cursos. "A segunda ronda deve começar em 2018."

A formação superior em Gerontologia, por exemplo, não consta do leque de propostas porque os cursos existentes mantêm a situação em suspenso. "Os cursos de Gerontologia estão a ser avaliados pela agência neste momento. Tiveram uma primeira autorização, mas a verdadeira avaliação está a decorrer". Como a A3ES não podia apreciar de imediato toda a oferta superior, esclarece, "pediu às instituições um conjunto de informações - corpo docente, alunos, laboratórios - para lhes poder atribuir uma autorização prévia e manterem-se abertos; e com isso fizemos uma primeira base de dados". Na sequência da triagem, "alguns saltaram logo fora" e não foram sujeitos a acreditação e outros obtiveram validação preliminar.

### Engenharia Civil sem betão

A funcionar desde 2008, a agência prossegue a missão de atribuir selos de qualidade aos cursos ou então retirá-los de cena, quando não apresentam garantia de qualidade. Quando entrou em campo, lembra Alberto Amaral, havia "desordem" na oferta do ensino superior. "Encontramos uma licenciatura em Engenharia Civil que não tinha nenhuma cadeira de betão. E casos anedóticos: um doutoramento em Engenharia Civil em que não havia um único doutorado e, se aparecia um aluno, tinha de contactar um supervisor de fora."

Entre 1996 e 2006 havia um sistema de avaliação, com três entidades - uma para as universidades públicas, outra para os politécnicos e outra para o privado - que "eram controladas pelas respetivas organizações". "Agora, cumprem-se regras europeias", sublinha Alberto Amaral. ●

No próximo ano letivo, haverá novos cursos superiores, principalmente em institutos politécnicos

## flash:

**António Marques**

Vice-presidente do Politécnico do Porto

"Tecnologias de informação, saúde, bem-estar, marketing e turismo são profissões do futuro"

### São mais os politécnicos do que as universidades a propor novos cursos. Qual a razão?

Os politécnicos são mais recentes, por consequência, mais ágeis e flexíveis, com maior capacidade para responder à evolução contínua do mercado das profissões e necessidades das entidades.

### O número de alunos dos politécnicos em licenciatura está a aproximar-se do das universidades. Como se justifica esta tendência?

Não existe hoje uma diferenciação na oferta formativa que é disponibilizada pelos dois subsistemas de ensino superior. As universidades têm conduzido uma estratégia de forte articulação com as empresas, e os politécnicos, mantendo o cariz pragmático da sua formação, têm aproveitado as evoluções da ciência para reforçarem os seus portefólios formativos.

### Porque ganharam os cursos especialização?

Vivemos numa sociedade do conhecimento e da informação, em que o modelo de organização económico e social passou a estar centrado no uso intensivo de informação. De acordo com relatório recente da UNESCO, se considerarmos desde o início da era cristã, estima-se que a quantidade de conhecimento disponível demorou cerca de 1750 anos a duplicar-se, depois disso, duplicou ao fim de 150 anos, depois, ao fim de 50 anos e agora duplica-se a cada cinco anos, prevendo-se que, em 2020, duplicará a cada 73 dias. É compreensível que os cursos possam ser cada vez mais especializadas, sobretudo no 2.º ciclo.

### E como se explica a aposta na gestão se esta é uma área com problemas de empregabilidade?

A formação nesta área gera uma menor necessidade de recursos especializados e é tendencialmente mais económica. Por outro lado, trata-se de formações em banda larga, que permitem aos estudantes a construção de perfis diferenciados, pelo acesso a diferentes domínios de educação. A análise dos indicadores de empregabilidade deve ser feita de forma cautelosa e rigorosa, porque é distinta em diferentes domínios de especialização.

### No seu entender, quais são as apostas do futuro?

As áreas relacionadas com as TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação), saúde e bem-estar, marketing, turismo têm vindo a ser identificadas como profissões de futuro. ■